

## UM MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO RADICAL

### Os revoltosos trouxeram para Almada a artilharia que estava aquartelada em Vendas Novas — Uma companhia da G. N. R., enviada pelo governo para sufocar a revolta fez causa comum com os revoltosos — Protegida pela canhoneira "Bengo", infantaria 16 desembarcou em Cacilhas, onde acampou — Os revoltosos bombardearam o Castelo de São Jorge, que se limitou a responder-lhe — O governo conta jogar hoje a revolta

Ontem de manhã a população de Lisboa foi surpreendida pela notícia de mais uma revolução. Entretanto a cidade apresentava o seu aspecto normal. O mesmo movimento nas ruas, até a mesma tranqüilidade nos espíritos...

Às 10 horas da tarde circularam os primeiros boatos. Os boatos inevitáveis nestas circunstâncias... Que a revolução era conservadora, que a revolução era radical...

Durante a noite houve grande azafama na polícia e efectuaram-se várias prisões. O tenente-coronel Justiniano Esteves, um capitão, o tenente Orla, do forte da Ameixoeira, e um civil de apelido Monteiro foram presos.

Pouco a pouco as informações foram-se concretizando. A revolução era de carácter radical e os revoltosos encontravam-se em Almada.

A Batalha, órgão do proletariado, como sempre, segue atentamente os acontecimentos. O operariado vê, observa e não intervém em revoluções políticas. Só quando suas liberdades perigam e regalias conquistadas se encontram ameaçadas intervém. Enquanto as revoluções se limitam a um ajuste de contas entre os políticos, o povo trabalhador limita-se a ver e a colher dos factos ensinamentos que possam aproveitar-lhe.

#### Depois dos primeiros tiros

A pesar da imprensa matutina informar que o movimento estava jugulado, o alvoroço da população não conseguiu reprimir-se. Os boatos circulavam por toda a cidade, asseverando-se que na outra margem do Tejo estavam concentradas grandes forças dos revoltosos, suficientes para fazerem triunfar o movimento que parecia ter abor- tado de madrugada.

Nesta intranquilidade de espírito tinha quasi galgado a tarde quando se ouviu uma forte detonação. Os revoltosos concentrados em Almada procuravam referenciar o tiro, e outras detonações se seguiram.

A cidade ofereceu então um aspecto bizarro. Forças dobradas da G. N. R. patrulhavam as ruas e a polícia ordenava que os estabelecimentos encerrassem às 18 horas, o que se fez sem protesto.

O nosso «reporter» pôsto em campo partiu do Rossio, onde apenas de anormal, a essa hora, se notava o encerramento de estabelecimentos, algum movimento de tropas e os habituais ajuntamentos de curiosos que nunca faltam nestas emergências.

«Desses curiosos partiu a informação de que em Alcântara se deram acontecimentos. Para lá seguiu a «side-car» com o nosso reporter.

Pequena paragem em infantaria 2, onde apenas se verificava de extraordinário a prevenção rigorosa. E a «moto» seguiu Pamplona, quando a polícia intima a parar. Revista rápida e eis que se nos depara o quartel dos marinheiros.

#### No Quartel dos Marinheiros

A corporação dos marinheiros era uma daquelas com que os revoltosos contavam. Por isso era ali que convinha saber se havia novidade. A sentinela, apesar da prevenção, recebeu-nos carinhosamente.

—Queremos falar ao oficial de serviço.

—Dissemos.

Minutos depois o oficial de serviço está junto ao portão. E ali naquele lugar onde o mesmo oficial recebe o nosso reporter.

Um chuveiro de perguntas e o nosso colutor, moço ainda, responde-nos com evasivas.

Que não havia nada. Que na corporação se mantinha a maior disciplina, nada de anormal se passando...

E mais não disse aquele oficial, em quem julgávamos colher as mais preciosas informações.

Os boatos fervejavam agora com mais intensidade. Quando passávamos no Terreiro do Paço um nosso camarada diz-nos que no hospital de São José havia um grande número de feridos. Para ali nos dirigimos.

No hospital de São José tudo a postos

O movimento no banco do hospital era grande. Muitos médicos e estudantes tinham ocorrido ao hospital para prestar os seus serviços.

O dr. sr. João Pais de Vasconcelos, director dos hospitais civis, com quem des-

jávamos falar, estava na enfermaria de que é director:—São Francisco.

Antes de entrarmos naquela enfermaria, passámos pelos quartos particulares, onde alguns esbirros nos espiaram durante minutos...

O dr. João Pais, que nos acolhe solícito, diz-nos:

—No Hospital de São José está tudo a postos: director, médicos, economo, enfermeiros, criados, pessoal de cozinha, etc. etc.

Com visível satisfação o director dos hospitais acrescenta:

—Calculem os senhores que até alguns estudantes vieram prestar o seu desinteresse auxílio.

—Há muitos feridos, doutor?

—Há alguns; gente do povo que nada tem com a revolução, mas que paga sempre as fadas.

Do hospital de São José a «side-car» dirigiu-se para o Castelo de São Jorge.

Uma visita ao Castelo de São Jorge

A entrada no antigo quartel de caçadores 5 foi precedida de vários incidentes. As vedetas que ladeavam o Castelo só deixavam passar os autos depois de se certificarem da identidade dos seus passageiros.

A entrada, mesmo junto ao portão, duas metralhadoras ligeiras com as bocas voltadas para a calçada aguardam o momento para fazerem fogo, o momento em que se aproximem os assassinos...

Já dentro do Castelo, uma ordenança conduz-nos ao gabinete dos oficiais, os quais nos recebem com todos os requintes de amabilidade.

Duas palavras sobre a nossa identidade e um tenente, moço cheio de vigor, cumula-nos de perguntas, procurando informes dos acontecimentos. Há mais de 24 horas em rigorosa prevenção estava divorciado da vida, só conhecendo o que em sua volta se dizia.

Por indicação daqueles oficiais, é ainda a mesma ordenança que sob grandes reservas nos acompanha à presença do comandante do batalhão, o major sr. João Henriques de Melo, que fomos encontrar no seu gabinete.

Cumprimento de estilo e a pergunta inevitável:

—O senhor comandante pode informar-nos...

—Não chegamos a concluir a frase. O major João H. de Melo atalhou solícito:

—Pouco vos posso dizer, meus caros senhores. Só sei o que se passa aqui no quartel, o que é muito pouco.

—Os estragos produzidos pelas granadas dos revoltosos são importantes?

—Não posso informá-lo, só sei o que se passa aqui no quartel...

Um oficial que assistia ao colloquio, elucida:

—No quartel apenas caiu uma granada que pouco estragos causou. As restantes caíram nos prédios circunvizinhos, parecendo que causaram vítimas.

A conversa desviou-se agora para uma informação que um jornal da manhã de ontem dava ao público sobre o major sr. João Henriques de Melo. Para que os leitores de A Batalha conheçam o que há de verdade sobre essa informação e a atitude do referido oficial, que, como já dissemos, é o comandante do batalhão de infantaria 16, ouçamos o que o major Melo nos disse:

—Não é verdade o que se disse da minha pessoa. E não é verdade, porque eu estive aqui neste lugar que o senhor vê toda a noite e só sei de verdade.

E a fechar:

—Só sei o meu espírito que o redactor daquele jornal viu visitando os quartéis...

Voltámos ao gabinete dos primeiros oficiais que nos receberam no quartel. Ainda ali conseguimos apurar que o Castelo de São Jorge se limitou a responder ao fogo dos revoltosos e por indicação superior.

O que se passou em Vendas Novas

Segundo refere um jornal da noite, alguns oficiais de Vendas Novas recusaram-se a aderir ao movimento, tendo, devido à resistência que opuseram, sido feridos pelos revoltosos o alferes Delgado e o sargento Marques.

Os civis, chefiados pelo sr. Martins Júnior e acompanhados das guarnições das duas baterias de artilharia aderentes ao movimento, dirigiram-se em seguida à estação de caminho de ferro daquela vila, prendendo o chefe por este se recusou a formar um comboio especial. Um ajudante do chefe prontificou-se a organizar o comboio, onde embarcaram os soldados e civis revolucionários. Os revoltosos quando passaram no Seixal, em direcção a Almada, abriram a cadeia, armando todos os presos que ali se encontravam.

Um manifesto dos revoltosos

E' do seguinte teor o manifesto que os revoltosos editaram, dirigido ao povo de Lisboa:

«A revolução está na rua porque há necessidade de salvar a Pátria. Uma quadrilha de malfetores tomou posse dos cofres do tesouro e desde 1914 até hoje o país tem assistido às maiores misérias que já se observaram em política.

Há urgência em fazer uma política honrada que dignifique a República e para isto são precisos outros homens e outros processos de administração.

Os políticos actuais faliram. É necessário acudir à miséria que abunda no país, é preciso salvar a sociedade portuguesa decretando medidas que urgem e salvaremos assim a República da garra dos bandidos.

Povo, vem ao nosso encontro e confia nos destinos desta grande nacionalidade. Viva a República Radical!»

A atitude do Partido Radical

A insurreição tinha, segundo todas as informações e as aparências também o indicam, um carácter radical. Seria curioso saber o que sobre o assunto pensa o partido radical. Uma figura de relevo desse agrupamento político fez ontem a um jornal da noite declarações categóricas que passamos a reproduzir.

—Nem eu—declara o dr. Gonçalo Casimiro—nem o P. Radical temos conhecimento do real ou imaginário movimento revolucionário que se preparava para esta madrugada e que segundo boatos que andam em louca correria pela cidade deflagrará esta tarde, dentro de algumas horas ou de alguns minutos.

—O movimento?

—Ignoro a sua finalidade. Terá ele, porventura, finalidade? Nunca ouvi o que penso, nem mesmo em casos de certa gravidade, mas o que não posso é ter opiniões desde que não possuio elementos para as fundamentar.

—E achava lógico, no momento actual, um movimento revolucionário?

—Não acho esta ocasião a melhor para um cometimento desta natureza. Talvez seja a pior, por uma longa série de razões que entendo, pelo menos hoje, ser inoportuno expor-lhe...

Ouvindo o sr. Teodorico dos Santos director da P. S. E.

Depois de ter andado de Herodes para Pilatos o reporter foi parar ao governo civil—para colher informações. Tudo de prevenção. Nos corredores muita polícia, muitas espingardas. No primeiro andar, os corredores desertos. Os nossos passos faziam eco.

Fomos recebidos amavelmente pelo major sr. Teodorico dos Santos, director da Polícia da Segurança do Estado.

—Fui a primeira pessoa que avisou o governo do que ia suceder—disse-nos sorrindo.—Quatro ou cinco horas antes de rebentar a revolução já eu estava informado de tudo. É interessante que muitos radicais ignoravam os acontecimentos. Foi para aqui toda a gente uma surpresa.

—E em Almada?

—Em Almada?—calculo que estejam desorientados. Conseguiram trazer a artilharia de Vendas Novas. Creio que têm sete ou oito peças. Mas não possuem oficiais para regular o tiro. As granadas rebentam no ar—e caem a meio do rio.

—E onde estão aquartelados os revoltosos?

—No cemitério de Almada.

—Têm conseguido desembarcar tropas fiéis?

—Desembarcou guarda republicana e infantaria 16.

—Dá alguma cousa pela revolução?

O sr. Teodorico dos Santos teve um leve encolher de ombros, sorriu e disse hesitante:

—Não sei que surpresas nos reservará a noite.

—Que receia então?

—Qualquer complicação em Lisboa.

—Quanto soldados têm os revoltosos?

—Duzentos, e muitos civis.

Sempre sorrindo, o nosso entrevistado não nos deu mais informações. Saímos convencidos de que o director da P. S. E. ficava muito preocupado.

Estivemos no Arsenal de Marinha. Marinheiros pelos corredores, calmos, sorridentes. De quando em vez o ruído dum detonacão. Corriam as ordenanças a espreitar pela janela e iam classificando os tiros:

—Este é do Castelo de São Jorge.

—Este é de Almada.

Quizemos saber novidades.

—Nada sabemos—ripostaram-nos. Mas com um pouco de boa vontade sempre nos foram dizendo que o tenente Negro Neto ia embarcar com tropas para a Outra Banda.

Das janelas do Arsenal olhávamos a outra margem escura e enigmática. Na sua negrura calma, lá do outro lado, os revo-

lucionários nada nos diziam. Saímos por mais novas.

#### Um passeio pelo Rossio

No Rossio, pelas 22 horas. Grandes matotes de povo em frente das placards. Pelo passeio ocidental andavam grupos. Viam-se muitos políticos conhecidos e alguns militares. O major Aragão fazia blague e perguntou-nos novidades. Dissemos-lhe o que sabíamos e escutámos o que ele nos quis dizer.

Mais tarde, pelas 23 horas, uma força de tenente, da G. N. R., que sem mais aquelas distribuiu pelos grupos pacíficos que por ali estavam coroadas a granel. Houve um maior que se indignou e quis impedir a atrocidade.

Foram várias criaturas contempladas, entre elas, o sr. Manuel António Chicharro, director do jornal A Força, que veio à nossa redacção acompanhado dum soldado do 1.º Grupo de Administração Militar, queixar-se do sucedido.

No Chiado também um esquadrão da G. N. R. perseguiu violentamente o povo.

Não há transportes para a outra banda

Numa das muitas investidas que fizemos para atravessarmos para a outra margem, encontramos o engenheiro sr. Plínio Silva, na estação do Terreiro do Paço. Queríamos ir para o Barreiro. Mas o sr. Plínio Silva acabava de dar ordem para se sustarem as carreiras dos vapores que fazem ligação com o caminho de ferro do Sul e Sueste.

Também as outras carreiras de vapores estavam interrompidas. Não há, pois, meios de transporte para a margem esquerda do Tejo.

O que se passou em Almada

Segundo nos informam, os revoltosos instalaram-se nas proximidades do cemitério de Almada de onde, pelas 17 horas, romperam fogo para o Castelo de São Jorge, que lhe respondeu. Têm cerca de 200 praças que são comandadas pelo antigo oficial miliciano dr. Lacerda de Almeida, que foi ministro da Instrução após o 19 de outubro, comandando os civis o conhecido radical sr. Martins Júnior, director do jornal O Libertador.

Os tiros que têm feito para Lisboa têm sido muito certos, ao contrário do que julgava o sr. Teodorico dos Santos. O elemento militar é constituído por 200 homens. O elemento civil por cerca de 600.

Para prender os revoltosos o governo fez desembarcar na Outra Banda uma companhia da G. N. R., composta de cerca de 200 homens. A referida companhia, segundo nos informam, fez causa comum com os revoltosos.

Também infantaria 16 desembarcou em Cacilhas, protegida pela canhoneira Bengo, que conseguiu colocar-se em posição de não ser atacada pela artilharia. Esta fracção do exército acampou no largo de Cacilhas, perto do chafariz, onde começa uma rua que vai dar ao alto de Almada. Naquela local, infantaria 16 nada podia fazer, senão aguardar momento próprio para escalar o alto onde os revoltosos se encontram.

O optimismo do chefe civil

O sr. Martins Júnior, interrogado pelos jornalistas no alto de Almada, junto às peças dos seus companheiros de revolta, fez as seguintes declarações onde perpassa um grande optimismo:

—O movimento tem todas as probabilidades de vingar. Contamos com adesões em Lisboa. O objectivo deste movimento é a depuração da República, fazendo dela um regime do povo e para o povo.

—As tropas do governo serão recebidas a tiro. Ocupamos posições inexpugnáveis.

O que se passou no Parlamento

O dr. sr. Ramada Curto interpelou, no Parlamento, o governo sobre o que se estava passando em Cacilhas. Nunca aquela povoação fora elevada, revolucionariamente, a tão alta categoria. O deputado socialista, não se dispensando de fazer blague, perguntou se aquela revolução era a mesma que ele tinha anunciado e que estaria pronta a deflagrar em qualquer ocasião.

Termina manifestando o desejo de ser esclarecido sobre a revolução de Cacilhas, em toda a sua extensão.

Na ausência do chefe do governo e do ministro da Guerra, o da Justiça declarou, em termos sobrios, que se tinham insubordinado as guarnições de duas baterias de artilharia aquarteladas em Vendas Novas, tendo marchado sobre Almada. O governo tomara as providências necessárias, fazendo avançar ao encontro dos revoltosos forças suficientes para os subjugar.

E foi tudo... Nenhum deputado se mostrou curioso ou exigente e a sessão prosseguiu como nos dias normais, discutindo-se

a questão da liquidação do Angola e Metrópole.

#### Informações diversas

Às primeiras horas da manhã, foram ontem presos na residência do sr. Martins Júnior, na Avenida Elias Garcia, os seguintes indivíduos: Franklin dos Santos, Avenida 5 de Outubro; José Vidal Júnior, rua Avelar Brotero, 20; José Rosa, calçada do Combó, 48, 4.º; António de Faria, rua do Vale de Santo António, 121; Francisco Fazenda Loureiro, rua do Vale de Santo António, 98; Gregório da Silva, rua Capitão Viriato Correia, 6; Manuel Gonçalves da Graça, travessa do Mato Grosso, 56 e Artur Vieira Gomes, rua do Arco do Cego, 17-B.

As autoridades estavam na manhã de ontem cheias de optimismo, a ponto de a prevenção à polícia ter cessado cerca das 9 horas. Mas pouco depois começaram a correr boatos de que o movimento radical que estava para rebentar ontem não fora ainda completamente inutilizado, motivo porque, à 1 hora da tarde, foi dada ordem de prevenção rigorosa, não sendo permitida a entrada a pessoas estranhas no governo civil e sendo fechados os portões daquele edifício.

Para os lados das avenidas novas foram cortados os fios telefónicos.

Por ordem superior, foram encerradas todas as repartições do governo civil.

Os revoltosos fizeram ontem de tarde fogo de artilharia sobre umas fragatas ligadas a um rebocador que transportavam tropas fiéis ao governo para a outra margem do Tejo.

Correu com intensidade o boato de que o grupo «Seara Nova» dirigia o movimento. Esse boato foi desmentido por aquele grupo junto do governo civil e dos jornais.

Foi ordenada pela P. S. E. a prisão do sr. Joaquim Vasco, antigo oficial da G. N. R., que foi visto em diferentes pontos da cidade, segundo informações policiais, fardado de oficial da mesma guarda.

Chegou a correr o boato, aliás pouco crível, de o sr. António Maria da Silva ter sido preso em Santarém por forças revoltosas comandadas pelo sr. Alvaro de Castro. Também se espalhou que o major sr. Filipe de Sousa vinha sobre Lisboa, comandando as forças militares de Santarém, para secundar o movimento localizado em Almada.

Estes boatos foram desmentidos em absoluto. Santarém conservou-se, sob o ponto de vista militar, calma e indiferente.

O comboio presidencial, que devia passar por aquela cidade, recebeu em Alfaiões ordem de seguir pela linha de oeste.

A chegada a Lisboa do chefe de Estado ocorreu como em ocasiões normais, tendo o dr. sr. Bernardino Machado regressado a Belem pelas 22 horas, escoltado por uma força de cavalaria da G. N. R.

Os portões do governo civil conservaram-se fechados todo o dia de ontem, sendo o serviço feito apenas pelo portão que dá acesso à casa da guarda e gabinete do chefe Nazaré da 1.ª esquadra.

No edifício não era permitida a entrada às pessoas estranhas, tendo sido proibidas as visitas aos presos.

Essa ordem foi porém suspensa por volta das 15 horas, tendo o chefe do distrito ordenado o encerramento das repartições a saída do pessoal e a evacuação de todo o edifício. Nas imediações da rua Capelo e à porta do governo civil estacionavam patrulhas dobradas de guardas da segurança armados de carabinas.

No discurso que, como noutro lugar referimos, o dr. sr. Ramada Curto proferiu no parlamento, o deputado socialista declarou que quando o sr. António Maria da Silva formou governo adquiriu a certeza de que iriam estalar três revoluções: a primeira de carácter conservador e fascista, a segunda de carácter opositor, a terceira, aquela de que se poderia lançar mão na primeira oportunidade.

Corria ontem durante a noite que os revoltosos contavam com o apoio do Forte da Traição, que possui, como se sabe, artilharia de grosso calibre.

A Setubal foram elementos revolucionários negociar a adesão de infantaria 11. Até à hora em que escrevemos ignoramos a atitude daquela unidade.

Militar graduado, que não se mete em revoluções, segredou-nos que parte da guarnição de Lisboa se conservava neutra perante o movimento e outra erasimpatisante embora não se manifestasse.

O grupo de Queluz chegou ontem à noite a Lisboa.

Em Cascais tropas fiéis ao governo tomam posições para de manhã iniciarem o cerco aos revoltosos.

Contra os Armazéns do Chiado foi arremessada ontem uma bomba que não causou estragos.

Algumas dezenas de civis estavam reunidos às 21 horas no jardim do Campo de Santana.

#### Os feridos

No prédio n.º 20 da Calçada de Penafiel, rebentou uma granada indo os estilhos ferir Amadeu Ferreira, de 19 anos, empregado no comércio, na cabeça e resto, e sua irmã Lucinda Ferreira, de 23 anos, ferido com estilhaços na mão esquerda e ventre.

Moravam ambos na sobreloja do referido prédio. Recolheram à sala de observações, estando a Lucinda em estado grave.

No banco do hospital de São José receberam curativo e seguiram para casa, Maria José Ferreira Alcantara, residente na Calçada de Penafiel, 30, sobreloja, ferida por uma bala na espadua direita, e Emilia do Rosário, de 10 anos, rua da Madalena, 1, 5.ª, ferida por uma bala na perna direita.

Na Alemanha o patronato subvenciona várias associações secretas de assassinos

Acaba de ser provado oficialmente por um comunicado da polícia, que a Federação dos patrões subvenciona directa e indirectamente associações secretas de assassinos.

Demonstrou-se, em particular, que membros notórios da Reichswehr negra, tais como Klapproth e Schultz, têm recebido dinheiro da patronal a título de empréstimo.

Por toda a parte se identifica o espírito de ferocidade da burguesia capitalista, sempre pronta a fazer calar, traiçoeiramente, as vozes dos que se levantam a protestar contra os seus abusos e desvarios.

O governo da Hungria procura abafar o escândalo das notas falsas

Tal como sucede aqui, a tática do governo do fascista Horthy, cúmplice dos falsários de Budapeste, é de limitar o desastre a algumas personalidades muito comprometidas, evitando que as investigações «descubram» provas de culpabilidades a outras entidades altamente colocadas.

Para isso vão tratar de concluir rapidamente a instrução do processo, que segundo se diz, será julgado dentro de seis semanas.

Os reus serão acusados de falsificação de notas; de provocação à falsificação; de lançamento em circulação de moeda falsa; de falsificação de documentos, principalmente de passaportes; e de empréstimos fraudulentos contra o depósito de 150 notas falsas de mil francos.

As notas falsas são um episódio da conjuração internacional fascista

A burguesia inglesa e francesa procura fazer crer, pela voz da sua imprensa, que o escândalo das notas falsas da Hungria é simplesmente uma «escroquerie» e não uma conspiração das hostes reaccionárias.

A França, a pesar do golpe vibrado no seu crédito financeiro, mostra-se cheia dum indulgência extraordinária para com os falsários.

Não nos deve admirar isto, porque se trata da gente de que ela se utilizou, por meio de intrigas, para abater em 1919 o regime bolchevista húngaro, chefiado por Bela-Kuhn.

A Tcheco-Eslóvaquia, numa «marcha» feita simultaneamente em Londres e em Paris, pediu a intervenção destes dois governos no escândalo de Budapeste.

A França, está claro, conservou-se alheia da questão. Quanto à Inglaterra, com o seu espírito «liberalíssimo», declarou solenemente que «não se reconhecia o direito de intervir nas questões internas da Hungria».

Todavia, se não se tratasse dum episódio da conjuração internacional fascista, que deseja implantar por toda a parte um regime de terror branco, ela achar-se-ia imediatamente com direito a intrometer-se, como tantas vezes tem feito, na vida interna daquele país.



## CARTA DO PORTO

## A grotesca homenagem à memória dos precursores da República foi impedida por uma providencial trovoadra

PORTO, 31. — A chuva torrencial que se fez sentir, ininterruptamente, sobre a cidade, a rija ventania que a agitou violentamente, impediram que a força do cortejo, até junto do monumento dos precursores desta belíssima república, se efectuasse com toda a gala oficial que os seus promotores pensavam imprimir-lhe.

O elemento pluvioso semelha-se, na nossa imaginação, a caudais lacrimosos vertidos por um povo arreliado que flui iludido na sua esperança boa fé e vilmente expoliado nos seus direitos à vida, outrora tão defendidos pela turba republicana nas comitês manifestações... E o ecoar do trovão, pareceu-nos o rugir popular a atear os seus ímpetos de desespero nas tristes selvas da desgraça...

Porque, na verdade, a celebração do 31 de Janeiro não passa de um cruel insulto aos sonhos do passado. Os idealistas de 1891 que sanguinosamente tombaram na fúlgida rua de Santo António, poderiam, falando a respeito do país, parafrasear os seus próprios ditos de então: «O primeiro cuidado que tem é varrer a república, que lhe representa o calote, e, com ela, o crasso regime de chatins, sem essa caterva de políticos, sem esse tortuoso da inscrição, poderiam começar uma história nova».

João Chagas, na sua *«República Portuguesa»*, não podia admitir que se consentisse, «sem uma explosão formidável de cólera», nos pacos firmados «entre os negociantes de Londres e os traficantes da política portuguesa».

O manifesto do directório do partido republicano português de 1891, que à Inglaterra chamou «potência mercantil, moderna Cartago», que «não conhece deveres nem mutualidades» — pode ainda hoje ter oportunidade de aplicação: «Todos os tratados com a Inglaterra têm sido feitos exclusivamente em benefício da segurança dinástica... das clientelas republicanas do partido republicano português».

Latino Coelho declarou, com toda a penitenciosidade, que a velha Albion esteve sempre «habitada a despojar o seu pacífico aliado», pensando eternamente, «ora pela astúcia dos seus diplomáticos, ora pela brutal intimidação, acrescentar às suas possessões na África oriental, arrebatando aos portugueses os tratos mais valiosos do seu território ultramarino»... O desprêzo de todas as fórmulas de cortesia internacional foi sempre «igualado pela iniquidade do sempre fundamentada no abuso repugnante da força material»... da Inglaterra.

Porisso, afirmam os autores da *História da Revolução do Porto*, o «conflito anglo-português de 1890 foi a causa única da revolta» de 31 de Janeiro.

## Nas obras da Câmara Municipal procura-se estabelecer a empreitada

Sobre a local que há dias publicámos, referente à tentativa de estabelecimento do regime de empreitada nas obras da Câmara Municipal, recebemos uma carta dum grupo de operários das referidas obras, em que nos pedem para pormos de sobreaviso todo o operariado contra os maneios dum grupo de aparelhadores e encarregados que têm feito um perfeito aliciamento de trabalhadores, dos que eles supõem menos conscientes, a fim de traírem não só a regalia da conquista do trabalho do jornal e o horário de trabalho como outras, que tantos esforços têm custado ao operariado.

Esse grupo de inimigos das regalias operárias é composto pelos seguintes indivíduos: João Duarte, António Simões, João Pinto, Leopoldo dos Santos e António de Sousa Marques.

Contra as arrematadas, truculentas de tais criaturas devem precaver-se todos os operários, tendo em conta que a empreitada, sob todos os aspectos, constitui um grande perigo. A empreitada traz o definimento físico e industrial e o abastardamento moral. O operário que cai no lógru contribui para as crises de trabalho que mais tarde ou mais cedo o atingirão, não conseguindo nesses períodos de miséria ressarcir-se com os fugazes lucros da empreitada de agora, nem lhes valendo nessas emergências os empreiteiros falsos amigos.

## As vítimas do ciúme

Do nosso informador dos hospitais recebemos o seguinte comunicado:

Na Primeira Rua Particular dos Prazeres, 7, r-c, direito, reside o comerciante de hortaliças da Ribeira Nova, Izidro de Figueiredo Ramos, de 34 anos, que há cerca de 2 anos vive em companhia de Jesuina de Jesus Guedes, de 44 anos, natural de Lisboa. Ontem, cerca das 14 horas, encontrava-se o Izidro em casa, partindo a machada uma porção de lenha e teve com a Jesuina uma questão, parece que por ciúmes, da qual resultou aquele, com o machado de que se achava servindo, vibrar umas poucas de machadadas na cabeça da mulher fracturando-lhe o crânio. Em seguida saiu para a rua, armado com a mesma arma, dirigindo-se para a Parada dos Prazeres. Na ocasião saía de uma taberna de José David Monteiro, o negociante de gados Inácio Alves, de 57 anos, natural de Sabugosa e residente no Casal Evaristo, 103, compadre do agressor, a quem o Ramos se dirigiu vibrando-lhe também uma machadada e produzindo-lhe um ferimento na cabeça. Aos gritos de socorro acudiram vários populares e a polícia que desarmou e prendeu o agressor, enquanto os feridos eram conduzidos ao posto da Cruz Branca, onde receberam os primeiros socorros, sendo em seguida transportados num auto da Cruz Vermelha ao hospital de São José, em cujo Banco foram observados pelo cirurgião de serviço, dr. Amândio Pinto, e devidamente pensados, recolhendo a Jesuina à Sala de Observações, em estado grave, seguindo o Inácio para casa.

## Morreu o "Sempre Fixe"

Na enfermaria de Sousa Martins, do hospital de São José, onde dera entrada no dia 23 último, por doença, faleceu, ontem, Manuel Lima, aquele tipo popular conhecido pelo «Sempre Fixe» que contava 36 anos, natural de Lisboa e tinha a profissão de vidreiro.

Ora se o Partido Democrático ofereceu milhares de vidas portuguesas em holocausto da Gran-Bretanha, cobrindo de luto milhares de famílias que sempre ficaram a odiar a nossa inútil intervenção na guerra; se já se não usa nos envelopes a legenda — 11 Janvier 1890 — N'oublions jamais Pin-famie anglaise, com a respectiva tradução do lado direito — que razões haverá agora para recordar um passado idealista e fazer uma romagem aos que há 35 anos morreram por nobres intuítos, por generosas aspirações, se os republicanos de hoje, mais do que a municipal de 1891, lhes destruíram toda a obra de reivindicações e de liberdades populares?

Bemdito o temporal desfeito... que desfaz a repugnante hipocrisia do cortejo...

Agora, na presença de factos consumados e não de simples previsões, é que Santos Cardoso podia com mais propriedade escrever: «Uma República de poltrões, de sindicatos, de monopólios, de interesses e velhacos, com a qual o rico continuou a gozar e o pobre a sofrer, não a queremos e havemos combatê-la frente a frente e aos homens que lhe sejam governo. Uma República que dê causa a que o capital se esconda, ou seja um ladrão explorador das forças vivas do país, havemos calcá-la aos pés e esmagá-la. Uma República que sustente vícios na cabeça dos que a governem, havemos matá-la».

Sendo a república tudo isso que Santos Cardoso previu em *«A Justiça Portuguesa»*, sendo a constituição dos seus partidos, como dizia Latino Coelho no seu famoso manifesto, «grêmios fortuitos, ambiciosos egoístas, sem o vislumbre dum crença, sem a sombra de um intuito generoso, civilizador e progressivo»; tendo a corrupção mais despejada batendo com o ouro dos contribuintes e com os empregos e ofícios públicos a moeda com que comprar as fáceis consciências; vivendo «num sistema de governo, em que, para se fazer justiça ao povo, quando a iniquidade ameaça transbordar, é necessário que o povo brade, clame e se agite em quasi tumultuosos movimentos, quasi à beira de imminente revolução» — parece-nos que a melhor comemoração do 31 de Janeiro seria combater, calcar, matar esta república de traficantes com um espontâneo 31 de Janeiro eminentemente popular que proclamasse bem alto a libertação plena do Trabalho sobre o cadáver do Capitalismo parasitário...

Mas já que assim, por desgraça nossa, ainda não aconteceu, consolou-nos ao menos o facto da chuva, do vento, da trovoadra esmagar a cavallada com que pretendiam enovelar a memória dos vencidos de 1891...

C. V. S.

## Os planos tenebrosos da plutocracia norte-americana contra os indefesos peles-vermelhas

Em 1907 descobriu-se no estado de Oklahoma, na região de Tulsa, nus terrenos pertencentes a uma tribo de peles-vermelhas, ricos jazigos de petróleo.

Uma empresa parlamentou com eles, e ficou combinado que metade dos lucros da exploração lhes seriam entregues.

Assim sucedeu desde 1907 até 1923. Neste último ano porém começaram a pensar os exploradores dos jazigos de petróleo, que o desaparecimento da tribo de peles vermelhas lhes meteria na algeibra o dóbulo dos lucros, e sem mais contemplações trataram logo de proceder ao seu extermínio.

Jorge Grande Coração, o chefe hereditário dos peles vermelhas, foi a primeira vítima da ganância dos brancos, morrendo envenenado, e desde então sofreram a mesma sorte dezasseis outros chefes.

Ha um ano, Henrique Roan, um dos peles-vermelhas, proprietários dos terrenos petrolíferos, desapareceu misteriosamente. Onze dias depois do seu desaparecimento, o seu cadáver furado de balas de revólver, foi encontrado dentro dum automóvel abandonado numa estrada do deserto.

Perante este terrorismo atroz a tribo dispersou-se, refugiando-se os seus restantes membros nas montanhas, e os «honrados» capitalistas ficaram senhores da região.

Para salvaguardar as aparências o tribunal de Tulsa vai agora julgar os bandidos que tomaram uma parte directa nos assassinatos, mas quanto aos milionários que os incitaram ao crime, esses ainda serão louvados pelo incremento dado à exploração das riquezas do país.

## Gomes Leal

Velhos amigos do genial poeta Gomes Leal no intuito de lhe prestarem uma perdurável homenagem resolveram organizar um grupo, que provavelmente se denominará «Amigos de Gomes Leal», e no qual devem ingressar aqueles que privaram com o autor de *O Fim do Mundo*.

Deram já a sua adesão os srs. dr. Luís Cebola, Gomes de Carvalho, Dias de Oliveira, dr. Agostinho Fortes, Alvaro Neves, etc. Qualquer adesão deve ser dirigida a Gomes de Carvalho — 14, Avenida Almirante Reis.

**EDEN TEATRO**

HOJE EM DUAS SESSÕES

A FESTEJADA FANTASIA BURLESCA

As onze mil virgens

Magníficos cenários

Encantadora música

Brilhantíssima encenação

**EDEN TEATRO**

HOJE

EM DUAS SESSÕES

A FESTEJADA FANTASIA BURLESCA

As onze mil virgens

Magníficos cenários

Encantadora música

Brilhantíssima encenação

## LIGA DOS DIREITOS DO HOMEM

Na última assembleia foram eleitos os novos corpos gerentes

Sob a presidência do sr. dr. Magalhães Lima, reuniu a assembleia geral da Liga dos Direitos do Homem. Antes da ordem de trabalhos o sr. A. Neves recorda que no tempo da propaganda republicana os paladinos afirmaram que era mister que a organização militar, em Portugal, fosse por iniciativa. Porém, quinze anos de República, não se alterou o sistema. Com a guerra o militarismo passou a ser um dos factores predominantes para o agravamento das despesas públicas.

Na proposta orçamental para 1926-27 o capítulo «Ministério da Guerra» apresenta um aumento de 12.357 contos em relação à despesa fixada para o ano anterior. Assim a despesa ordinária é de 149.114 contos, a extraordinária de 143.045 contos; total 292.160 contos, é quanto se gasta com o Ministério da Guerra. Acrescente-se a esse dispêndio mais 85.179 contos com a guarda republicana, e aqui temos como o militarismo custa ao país 377.339 contos anuais, ou seja 1.033 contos diários, excluindo a polícia militarizada.

E porque é interessante o confronto deve-se dizer que a verba orçamental para o Ministério da Instrução é de 144.473 contos, excluindo o ensino agrícola, industrial e comercial.

Terminou propondo que a Comissão Pacificista da Liga intensifique a propaganda anti-militarista, que é necessária neste momento. A proposta baixou à comissão.

Em seguida foi lido o relatório do Director pelo secretário Vergílio Marques.

Sobre o mesmo assunto da palavra Alvaro Neves, que se referiu à representação da Liga junto da Liga dos Amigos dos Hospitais, a qual deixou de subsistir por aquela colectividade, nem a direcção dos Hospitais, ter declarado como utilizou a verba de 10.000 contos orçamentada. Usou mais da palavra sobre o relatório o sr. dr. Arnaldo Brazão e Valente de Almeida. Em seguida foi aprovado o relatório e contas e eleitos:

Assembleia geral: Presidente, dr. Magalhães Lima; vice-presidente, Alexandre Ferreira; 1.º secretário, Homem Belino; 2.º secretário, dr. Prado Coelho.

Directório: Presidente, dr. Luz de Almeida; vice-presidente, Fernando Braderode; secretário int. Joaquim Cardoso; sec. ext., Eloi do Amaral; tesoureiro, Ramos Paiva; vogais: dr. Arnaldo Brazão, Agostinho Fortes, Vergílio Marques e Joaquim Cardoso.

Conselho Jurídico: Drs. Carneiro de Moura, Arnaldo Brazão e Espírito Santo Lopez.

Estudos sociais: Drs. Agostinho Fortes, André Saravia, Carlos de Lemos, Dr. Francisco de Noronha e Alvaro Neves.

Propaganda: Vergílio Marques, César da Silva, Afonso Correia, Santos Arranha, dr. Nobrega Quintal e Félix Fernando Perneiro.

Foi proclamado visitador da Liga, o sr. Dr. Francisco de Noronha.

Em seguida foi eleita a Comissão Pacificista que ficou composta pelos srs. dr. Magalhães Lima, Gomes de Carvalho, Santos Arranha, Carlos Bandeira Codina, Ramos Paiva.

## Proletários:

Não deveis esquecer aqueles vossos camaradas que se encontram sofrendo os horrores dos cárceres. É necessário que lhes dispenseis, hoje, um pequeno auxílio monetário, afim de lhes minorar a sua situação angustiosa. Que cada um cumpra o seu dever de solidariedade.

## A OBRA DOS «GAIOLEIROS»

## Desabamento dum prédio na rua Saraiva Lima

Cerca das 4 horas de ontem abateram as trazeiras do prédio n.º 64 da rua Sebastião Saraiva Lima, pertencente ao sr. Joaquim Rodrigues. Os inquilinos dos seus cinco andares há muito que previam a derrocada, e, por isso, já tinham mudado grande parte dos seus haveres para casa de vizinhos. O senhorio, sob vários pretextos, recusou-se sempre a mandar fazer as obras necessárias à conservação do prédio e só no princípio do inverno se lembrou de proceder à colocação de empenas para aguentar as trazeiras já bastante arruinadas. A chuva e o vento dos últimos dias abalaram consideravelmente a gaiola e os inquilinos viram-se obrigados a recolher a casa de estranhos, não havendo, portanto, desastres pessoais a registar. A derrocada provocou grande pânico, tendo comparecido no local do sinistro os bombeiros municipais e voluntários, que procederam aos trabalhos necessários para evitar que o resto do prédio abata.

**DENTES ARTIFICIAIS** a 25\$00. Extracção de dentes sem dor a 15\$00. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 20\$00. Dentaduras completas sem placa em «cautchu». Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO  
R. Garrett, 74, 1.º (Chiado)

**TEATRO GIMNASIO**

em que é director o tão aplaudido actor GIL FERREIRA

HOJE repete-se a hilaritante

**TIA ANDREZA**

DOMINGO EM MATINÉE

9.º concerto

**FÃO**

**TEATRO GIMNASIO**

em que é director o tão aplaudido actor GIL FERREIRA

HOJE repete-se a hilaritante

**TIA ANDREZA**

DOMINGO EM MATINÉE

9.º concerto

**FÃO**

## NA PENITENCIARIA DE COIMBRA

O director para servir os interesses dos arrematantes comete violências sobre os reclusos

Sr. Director de «A Batalha» — O silêncio que propositadamente vinhamos guardando há já algum tempo, sobre as extorsões e outros actos não menos condenáveis praticados na Penitenciária de Coimbra por arrematantes das oficinas e alguns empregados, somos forçados a quebrá-lo hoje, em face da atitude vergonhosa e digna da maior repulsa que a Direcção, ante uma reclamação dos reclusos que trabalhavam na oficina de esboçeiros, acaba de tomar.

E' o caso: como o regime de salário a jornal não satisfizesse a insaciável ganância de alguns exploradores — aqui muito regulamentamente chamados arrematantes — e está neste caso o da oficina em questão, procuraram eles, clinicamente, convencer os papalvos que ainda vão nas suas falinhas adocciadas, a trabalhar de empreitada.

Mas o pior... é que o tempo é um grande mestre! E os reclusos acabaram, ainda que tardiamente, por se convencerem que, desta ou daquela forma, as únicas vítimas, enquanto o presente estado de coisas subsistir, são sempre eles. As empreitadas são, simultaneamente, o processo mais pratico de enriquecer a criatura sem escrúpulos a quem o Estado menos escrúpulos ainda os alugou, desapidadamente, e o mais rápido de se tuberculizarem.

Assim, há dias, fizeram saber ao arrematante que pelo preço por que pagava a duzia de escovas, encher, 370 (isto enquanto vai dizendo aos compradores que aqui vêm que as paga aos reclusos a 15\$00...) não mais trabalhariam de empreitada — pois que para ganharem umas miserias cedulas que lhes não permitem — depois de quanto esforço! acudir às primeiras necessidades do estômago e fumar uns cigarros, não queriam mais extenuar-se. Que trabalhariam de jornal.

Não estiveram porém pelos ajustes os sobas cá do Eden, porque estão em país conquistado. Depois de várias conferências entre o celebríssimo tufano Amaro Bento, chefe dos guardas Trigueiros, o referido arrematante e outros exploradores, foram os reclusos, que num legítimo direito se recusam a trabalhar de empreitada, fechados de castigo.

Já a temos dito: aqui, ou arrematam a trabalhar para estes beneméritos ou são fechados e sujeitos às mais cruéis represalias, os reclusos!

Ontem, o director condenou em os mandar chamar à sua divina presença; e depois de os increpar pelo seu simpático gesto e de os querer obrigar a trabalhar a contento dos exploradores — de empreitada, como se recusassem, ordenou que fossem novamente fechados e postos incomunicáveis.

Em que regulamento se fundará este zeloso defensor dos interesses dos arrematantes para obrigar os reclusos a trabalhar de empreitada?

Mas ainda não é tudo; fomos ontem surpreendidos por mais uma inconcebível violência sobre os mesmos reclusos: naturalmente por ordem do director, pois não queremos crer que quem a praticou a fizesse ao seu arbitrio, foram as celas dos reclusos assaltadas e apreendidos todos os objectos de seu uso que possuíam, tais como: tabaco, fósforos, papel de escrever, tinta, fogões de petróleo — de que se servem para confeccionar algum alimento que consiga obstar às deficiências do rancho —, gêneros, etc. Isto é a mais infame das convicções com os interesses vergonhosos dos exploradores que por aqui enriquecem explorando violentamente homens indefesos!

E eu olho pela néga de parede aberta em minha cela, a que ironicamente dão o nome de janela, a catedral da Ciência, a Universidade de onde dizem que saíu forte doutor o homem que manda praticar tais actos, e pergunto entristecido à minha consciência, indignada de revolta, se todos os que dali saem aureolados pela luz bem dita do saber — terão idêntico carácter!

\* \* \*

Isto sucede no momento em que a Direcção, numa grande ância de sacudir a água do capote, convide os redactores de *O Despertar* — bi-semanário cá do burgo, que em seus últimos números, em artigo de fundo firmado por A. G. tem apreciado a forma desumana como aqui são tratados os reclusos — a visitar o edificio, que não as celas sem ar e sem luz, de castigo, ou tenebrosos subterrâneos aonde metem os desgraçados que se não prestam facilmente a servir de escravos ou que não calam o seu protesto.

E ainda a este propósito, se o meu estado de espirito não estivesse pouco propicio para tais desenhos, eu contar-vos-ia a desolante odisséia de um explorador, já citado em minhas anteriores cartas, em procura de algum com mais dós dedos de intelectualidade do que a sua tãcanhez, a fim de «desmentir» a afirmação por mim já formulada: que ele é — senão o maior — um grande explorador entre os exploradores arrematantes.

Não perde pela demora. Quando o fiz effecto por bastantes, mas se não for preciso quebrar-lhe os dentes, com provas mais concludentes ainda, será melhor não gastar cara com tão ruim defunto, por enquanto.

Agradecendo a inserção desta subscrevome, agradeço.

Penitenciária de Coimbra, 31-1-1926.

UM RECLUSO

**Lêde o Suplemento de A BATALHA**

**TIVOLI** Telefone 314

A'S 8 314

O HOTEL POTEMKIN

comédia em seis partes

Explorando Africa com o príncipe Guilherme da Suécia

Super-documentário em seis partes

O Orfeão Académico no Rio de Janeiro

Reportagem cinematográfica

UMA CINE FARÇA

Uma fantasia de desenhos animados

A'S 8 314

NA PROXIMA SEMANA:

Segunda e terça: O MILAGRE DOS LOBOS

Quarta e quinta: Os Nibelungos

Orquestra aumentada

Marcam-se desde já bilhetes

A'manhã — Matinée às 3 horas

## O conflito académico

Os estudantes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra solidarizam-se com os seus colegas de Lisboa

O conflito académico está ainda longe de uma solução que agrade aos reclamantes. Por esse motivo a mocidade dos liceus interessa-se porque a luta seja conduzida a um termo honroso, a uma solução que afaste os perigos que deram origem a este conflito.

Agora são os estudantes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra que vêm a público, num bem redigido manifesto, dizer de sua justiça.

São desse documento as afirmações que vão ler-se:

«Os estudantes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, solidarizando-se com os seus colegas de Lisboa, foram para a greve».

Atitude violenta, sem dúvida, mas a única que, imperiosamente, lhes era dado vincar num país em que as mais simples reivindicações de direito se conquistam pela força. Durante seis longos anos os alunos de Letras, servindo-se, como é balda costumeira na política, das mais poderosas influências junto dos Ministérios, recorrendo-se dos melhores protectores do seu direito, pediram em vão justiça. Os Poderes Públicos, porém, enfiados, por vício estrutural, as degradantes solicitações das amidades políticas, entenderam sempre por bem prestar ouvidos mudeos a todas as suas reclamações. Não basta já clamar-se correctamente pela satisfação plena dum direito. Para conseguir justiça, repetimos, faz-se mister uma decisão forte. Triste e eloquente sintoma este, bem revelador do caos mental e moral em que nos debatemos.

Por que razões nos lançamos na greve? Responderemos: — Porque não é admissível a existência de três estabelecimentos de ensino, com suas secções especializadas, aos quais não corresponda uma finalidade prática.

De facto, os alunos de Letras, concluído o seu curso, onde por um trabalho árduo, adquiriram o direito a uma competência para exercer a profissão a que se destinam, vêm-se ao fim dele despojados dos lugares que legitimamente lhes pertencem pelos que, vencidos e falhados nas suas profissões, se julgam na posse dum enciclopédica competência quasi sempre alucinosa de enciclopédica ignorância. «E' evidente — diz o grande Manuel Bento de Sousa — que se introduziu no ensino um elemento viciado, um perturbador nocivo, ou um factor anárquico, que a todos nos cumpre procurar, achar e pôr à vista». Palavras de há 30 anos, vivas ainda agora como então!

Futuros modeladores de inteligências, queremos para nós o mérito de iniciar esta nobre tarefa de purificação inadiável, porque só assim podemos contribuir para o levantamento moral e intelectual das gerações que vêm. Doutra forma, a serem desatendidas as fundadas, legítimas e justíssimas reclamações que ao Parlamento levamos, assistiremos dentro em pouco ao espectáculo vergonhoso do abandono total das três faculdades de Letras, porquanto ninguém nelas verá garantida a finalidade do seu ensino.

Com os nossos colegas da Faculdade de Letras de Lisboa, queremos:

1.º Os lugares de professores dos Liceus (effectivos e provisórios) com exclusivo, pela mesma razão porque, com exclusivo, são advogados dos diplomados pelas Faculdades de Direito e médicos os diplomados pelas Faculdades de Medicina;

2.º Os lugares de professores (effectivos e provisórios) das Escolas Comerciais, Industriais, Preparatórias e de Ensino Médio, nas disciplinas especiais professadas na Faculdade de Letras, segundo acordo feito com os alunos dos Institutos Superiores Técnico e do Comércio.

Que os reclamantes saibam levar a bom termo o seu movimento são os nossos ardentes votos.

## Documentos achados

A' disposição de quem provar pertencer-lhes, encontram-se na nossa redacção uns mapas de escrituração que algum perdeu ontem, cerca das 23 horas, na rua Nova do Carmo, esquina do Rocio, no momento em que as forças da G. N. R. ali postadas espedravam os transeuntes que passavam.

**EXPERIMENTEM**

A NOSSA MANTEIGA RECLAME

**Quilo 18\$00**

28, Praça Luís de Camões, 29 — Tel. T. 624

45, Rua do Amparo, 49 — Tel. N. 2751

**LISBOA**

## 'A Batalha' na provincia e arredores

## Barreiro

Inauguração do edificio de uma sociedade

BARREIRO, 1. — Ontem, effectou-se a inauguração do edificio da Sociedade Instrução e Recreio Barreirense. E' um prédio amplo, com boas instalações em todos os andares. Foram pronunciados vários discursos, tendo presidido o sr. Plínio Silva, engenheiro director do Sul e Sueste. A noite, o maestro sr. Manuel Ribeiro fez uma interessante conferência sobre música, sendo agradavelmente escutado. — C.

**HOJE**

Requintado espectáculo

NO

**TEATRO NACIONAL**

COM A

**MADENOISELLE DEMONIO**

Protagonista ESTER LEÃO

Desempenho desigual

Interessante cenário

Original e curiosa encenação

do professor ANTONIO FINEIRO

SHIBUYA: 1.ª vez da peça espanhola

**AS URRACAS**

## Últimas notícias

Tranquilidade durante a noite

Durante a noite e a madrugada o fogo cessou completamente. O governo aguarda o dia para começar o cerco aos revoltosos que conta jogar, com facilidade, caso durante a noite estes não mudem de posições.

**Dois tiros de Almada**

Cerca das três da madrugada dois tiros de peça alarmaram a cidade que já estava tranqüila. De Almada dispararam para o Castelo de São Jorge, que não respondeu.

Pelas 3,30 horas, telefonámos para o Castelo de São Jorge. De lá nós confirmaram a notícia que acima publicamos. Realmente de Almada fizeram dois tiros de peça, cujas granadas caíram na encosta. O Castelo de São Jorge não respondeu.

Uma das granadas atingiu o 4.º andar do prédio 152 da rua da Madalena, ocasionando um incêndio que os bombeiros prontamente debelaram. Não se registaram vítimas.

## TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

## Concursos Fão, no Ginnásio

Continuando as mais belas impressões os concertos sinfónicos que se estão realizando no Ginnásio, aonde para domingo está já marcado um grandioso festival russo em que será executada a «Scherzade de Rimski-Karsakow», em que notavelmente se salienta nos seus inimitáveis e inextinguíveis «somos» o exímio violinista Luís Barbosa.

Os concertos Fão, no Ginnásio, dão a nota «hic» dos domingos lisboetas, caprichando, sempre, o mestre Fernandes Fão, na organização dos seus programas repletos de novidades sensacionais.

## Festas artísticas

E' no domingo 23 que, no Ginnásio, se realiza a festa de homenagem ao ilustre maestro Fernandes Fão, que, não só em Portugal, como também no estrangeiro, com o seu talento e competência, tem sabido conquistar um lugar de destaque como maestro-director. Nessa festa o programa do concerto sinfónico é dos mais sensacionais e atraentes.

**Quem perdeu?**

Na nossa administração encontram-se a disposição de quem provar pertencer-lhes duas cadernetas federais que foram encontradas no mercado da Ribeira Nova.

**FATOS completos e sobretudos**

em bom cheiro com bons forros e bom acabamento, para homem, desde...

IMPERMEIAVEL para homem com cinto e capuz: 12\$300

Em oleado, castanho: 14\$300

Dois faces, gabardine e oleado para vestir dos dois lados, cores, preto e bege: 24\$500

Dois faces para vestir dos dois lados, castanho e bege, em lã: 42\$500

Em gabardine, preto de lã, partido de oficial de marinha: 38\$300

Imitação de camurça e cabedal, modelo para automóvel: 40\$300

IMPERMEIAVEL para senhoras com cinto e capuz a: 12\$900

Em lã: 22\$500

**Descontos para revenda**

Para a provincia remetemos catálogos com amostras a quem pedir

170, Rua da Boa Vista, 172

Rua do Amparo, 36

## Ocorrências diversas

No Banco do Hospital de São José foi pensado e recolhido a casa Manuel Gonçalves, de 19 anos, natural de Caparica, residente na Sobreira, próximo de Almada e que ali por causa do jogo da malha, foi agredido com uma facada na face esquerda e Estelano Gomes, de 25 anos, natural de Lisboa, residente no Alto da Cascalheira, 4, cabouqueiro, e que perto da sua residência foi ferido com um tiro na mão esquerda, ignorando de onde ele partiu.

Na enfermaria de São Francisco do Hospital de São José, deu entrada Augusto dos Santos, de 50 anos, natural de Cascais, carroceiro, residente na travessa do Terreiro, 36, 1.º, que caiu na Picheleira, fracturando a perna direita.

Na enfermaria Curry Cabral, do Hospital Esteliana, deu entrada Emeralda dos Santos Correa, de 7 anos, filha de Cristiana Correa e Maria Correa, natural de Lisboa e residente na rua do Arco do Cego, 26, 3.º, que na sua residência ficou muito queimada com água fervente pelas costas.

No pósto da Cruz Vermelha do Calvario foi pensado e recolhido a casa, António Joaquim, de 39









EM LOURENÇO MARQUES

## A tacanhês de um alto comissário, servida pela preversidade de alguns sicários

A greve ferroviária do pessoal dos Caminhos de Ferro e Porto de Lourenço Marques foi declarada em 11 de Novembro de 1925. Três meses passaram, a greve ainda não teve a sua natural e lógica solução.

Em termos sóbrios mas eloquentes, pela boca dum professor e jornalista com 20 anos de Moçambique, fez a Batalha a história da greve, provando-se que a responsabilidade desse grandioso movimento operário pertence simplesmente ao governo, como ao governo pertence a responsabilidade da atribuída vida administrativa daquela colónia bem como dos acontecimentos gravíssimos que em Lourenço Marques se têm produzido.

Centenas de presos sem culpa formada, espancamentos, ferozismo nas ruas, e Alto Comissário guardado por metralhadoras, os serviços do caminho de ferro e porto prejudicados—prejuízos diários de centenas de milhares de libras, e descrédito lançado sobre um porto que custou 5 ou 6 milhões esterlinos, o governo da União Sul Africana e o general Smuts, pousando a vista, cubitos, sobre um território onde as autoridades oferecem um constante espectáculo de desordem, de desrespeito pelas suas próprias leis, de falta de prudência e de tirol.

E tudo porque a inépcia se alia ao facciosismo, a ignorância dos mais complexos processos de administração à malva-dez.

Pode dizer-se que em Lourenço Marques não há governo. A demência tornou o espírito dos que detêm o poder, um ex-surgente expulso do exercício e preso no Niassa por entendimentos com os alemães durante a grande guerra, meteu-se na pele do Alto Comissário, e é ele que manda, é ele que desgoberna, é ele que denuncia à polícia as vítimas que não de gemer nas masmorras.

Quem é essa figura sinistra?

Adelino Figueiredo Lima, fixe-se bem o nome. Depois de expulso do exército; depois de preso, como traidor, no Niassa; depois de irradiado dum loja maçônica de Lisboa, com o voto do actual ministro das Colónias; depois de se querer vender ao ministro Bulhão Pato e de o insultar por este o não querer comprar; depois de ameaçar o Grémio dos Agricultores da Zambézia, com campanhas de descrédito, para lhe apanhar alguns cobres; depois de ter cometido inúmeras tratantadas em Cabo Verde, engordando a sombra dos que naquele arquipélago morriam de fome; finalmente, depois dum vida de expedientes e de crápula, Figueiredo Lima bisonhando de esquerda, com cartas no bolso de Urbano Rodrigues, apresentou-se em Lourenço Marques.

O governo era destestado. O Alto Comissário estava divorciado de todos os organismos económicos e sociais de Moçambique. Era o momento.

Figueiredo Lima foi ao palácio. Ofereceu a sua desvergonha, o seu impudor. Foi aceite. Na cidade nenhuma tipografia lhe quis compor um passim que pretendia lançar. O Alto Comissário, tendo alargado o laço não hesitou. Mandou-lhe fornecer, por empréstimo, caixas de tipo da Imprensa Nacional. O passim saiu.

E aí começa Figueiredo uma nova obra de traição. Dizendo-se esquelético, vendeu-se a Azevedo Coutinho; proclamando-se avançado, tornou-se o esbirro, o Torquemada dos Ferroviários de Lourenço Marques.

Traidor à sua Pátria, traidor aos princípios, traidor aos homens.

Quando se deu o divórcio entre a direita e a esquerda democrática, tendo-se cavado um profundo abismo entre a população de Moçambique e Azevedo Coutinho, em virtude de alguns elementos lisboetas do Partido Democrático teimaram em sustentar à frente dos negócios daquela Província a figura apagada e nula de Azevedo Coutinho, as forças eleitorais iam voltar-se para José Domingos dos Santos, chefe do grupo onde militava Carlos de Vasconcelos, o ministro das Colónias que quis demitir o Alto Comissário incompetente e perulário.

Mas Figueiredo Lima apareceu. Inculcou-se o chefe do esquelético, e toda a gente de vergonha, enojada com o impudor do grilhete, virou costas.

Com ele ficou Azevedo Coutinho. Com ele ficou o Severino das Patilhas. Trindade sinistra, com um criado, as ordens, no Comissariado de Polícia.

Fabricaram uma Reorganização de serviços do Caminho de Ferro que é uma grosseria monstruosa. Bodo aos grandes e fome aos pequenos. Os grandes aumentados em 30 libras mensais, aos operários cortadas as regalias que possuíam. Luta mais aos afilhados, a perseguição e a miséria aos que não estavam nas boas graças da situação.

Os prejudicados reagiram. Reagiram ordenadamente, altivamente. Não queriam mais. Desejavam que lhes fossem mantidas as regalias anteriores.

Nas altas esferas do governo apareceu um homem justo. Sustentou a boa doutrina, condenando os aumentos, reprovando os cortes. Sacrificou para uns e benefícios para outros, era imoral. Além de 576.000 libras, num ano, em aumentos de vencimentos, não tinha autoridade para lançar na miséria uma classe a título de fazer economias.

Quem esbanjara, numa passeata a Londres, correndo atrás dum quinquenário em prémio, nada menos de 10.000 libras, não tinha o direito de apertar o cinto aos trabalhadores.

Azevedo Coutinho, reu dos maiores esbanjamentos, inteligência medíocre, nulidade comprovada, administrador pernicioso, que se lançou em semelhante caminho, ia sair pela janela. Foi então que lhe apareceu o esbirro Figueiredo Lima, com os bolsos atulhados de libras das cambiais e o Severino das patilhas, com os olhos a luzirem-lhe como carbúnculos, mostrando pelos até na alma.

Formou-se a trindade. Começaram as prisões. Prisões em massa, prisões de indivíduos de quem nem sequer se sabia o nome. Era preciso amedrontar pelo terror. Quem falava, era preso. Pelas ruas da cidade, mesmo os que iam à sua vida, eram espedaçados, levados às esquadras.

Garantias constitucionais?—Que é a isenção nesta democracia de operariado?

Assaltam-se as casas dos cidadãos. O governo não deixa passar as notícias telefônicas nem as cartas de determinados indivíduos, esclarecendo os acontecimentos.

No Terreiro do Paço ignora-se a verdade, desconhece-se o horror da situação. O Alto Comissário, defendendo as suas 10 por cada 24 horas de passeio fora da capital, diz coisas bonitas, contando-as a seu modo.

Mas os soldados indígenas vão espancando pessoas europeias, e as reclamações diplomáticas, exigindo centenas de milhares de libras, começam a aparecer.

Num país em que o governo defendesse os interesses da Nação, há muito que o ministro teria demitido o Alto Comissário responsável por esta situação gravíssima, por uma administração cheia de erros e de crimes, pondo à frente da Província um homem capaz de solucionar, pelo seu prestígio e espírito de justiça, logo no primeiro dia, um conflito que promete eternizar-se e está dando as últimas machadadas na seriedade dos corifeus do regime.

Entre nós, não.

A política é colocada acima dos interesses do Povo.

Por cá o governo finge tudo ignorar.

Acaso ignora que campeia ali o terror, a tirania, o esbanjamento, a desordem?

Acaso ignora que há homens deportados para Lisboa a quem além de ser uma monstruosidade é contra as próprias leis?

Ignora porventura a vida irregular, para lhe não darmos outro nome, dos componentes da trindade sinistra?

Não sabe que os serviços do Porto e Caminho de Ferro de Lourenço Marques estão quase paralisados desde 11 de Novembro, com centenas de ferroviários nas masmorras e o próprio estado prejudicado em muitos milhares de libras?

Criminosa ignorância! Criminoso silêncio!

Moçambique afunda-se num mar de torpezas, de tirania e protestos alterosos, mas o ministro das Colónias, candidato à herança de Azevedo Coutinho, continua a sustentar este, contra os mais sagrados interesses coloniais e sociais, esperando o momento oportuno de também encher a bilha, à razão de 20 libras por dia, com o suplemento de mais 10, de ajuda de custo, quando lhe apetece passar.

E até talvez venha a tomar, também, ao seu serviço, o Figueiredo esbirro e o Severino das patilhas...

Tudo pode ser neste país de atropelos...

## A greve de 1912

Sua comemoração em Aldegaleta

A greve geral de Janeiro de 1912 foi um dos acontecimentos mais grandiosos na luta do proletariado português. Determinada pelo assassinato de dois rurais no seu movimento de Evora, essa greve estendeu-se a grande número de localidades do país, teve um maior incremento em Lisboa e arredores. Um destes arredores foi Aldegaleta e Moita do Ribatejo, onde, por esse motivo, as perseguições subiram ao auge.

O povo trabalhador explodiu num movimento espontâneo, sincero e ativo, de protesto. Toda a população estremeceu de horror e de indignação ao saber que a Casa Sindical havia sido assaltada, presas cerca de 800 pessoas e encarceradas em barcos de guerra surtos no Tejo.

A população operária de Aldegaleta, Moita e arredores não se conteve. Ela viu que outros causadores não havia dum tal situação senão as autoridades autoras de toda a tirania que pesava sobre os trabalhadores.

O administrador da Moita, Costa Cabedo, que de frontou a massa em revolta, recusou-se a libertar um perseguido; essa massa, ao verificar que reclamava inutilmente, não teve mão em si: viu nele o protótipo da opressão e liquidou-o.

Vinte e dois camaradas foram encarcerados como autores ou responsáveis pela morte dessa autoridade. Para as famílias dessas vítimas, as prisões causaram sofrimentos indizíveis. Toda a massa trabalhadora se solidarizou com as vítimas, prestando-lhes o seu concurso até que puderam gosar o sol da liberdade.

Foi para comemorar essa data, triste mas gloriosa, que a Associação dos Trabalhadores Rurais de Aldegaleta promoveu no domingo passado uma sessão de propaganda, da qual se foi prejudicada pelo tempo invernal, que impediu uma concorrência mais grandiosa.

Esta sessão realizou-se no último domingo, no amplo salão do respectivo Sindicato, sob a presidência de António Gonçalves Tormenta—uma das vítimas do grandioso movimento—secretariado por José de Sousa e Cristiano Belo Júnior.

O presidente relata sumariamente a história do movimento, seguindo-se-lhe José Luís dos Santos, rural, Alvaro Avelino Serra, ferroviário, Francisco Pedro Marques, rural, e também vítima daquela feroz perseguição, M. J. de Sousa, representante da C. G. T., José Augusto da Piedade, rural, os quais recordaram as cenas mais típicas daquele grandioso movimento, fazendo larga sementeira das ideias de redenção social, e tendo os mais justos encontros para as valorosas operárias chacineras, largamente representadas, que se encontram em greve vai para cinco meses.

## Federação Ferroviária

Participa aos organismos sindicais que se encontra instalada no Largo de São Domingos, 11-J, 2.ª, para onde deve ser dirigida toda a correspondência.

## Secção Telegráfica

Federações

METALURGICA

S. U. Metalúrgico de Aljustrel — Seção expediente.

## A reacção imperialista na república cubana

O operariado de Cuba sofre um duro regime por imposição dos grandes industriais norte-americanos que, como os militares, se apoderaram de todo o país. A crise económica incessantemente se agrava e, como o capitalismo os oprime, os operários resolveram lançar-se na luta.

Há meses, os trabalhadores textéis declararam-se em greve, exigindo aumento de salário. O patronato não quis ceder e encerrou todas as fábricas de tecidos e lanifícios.

Os plantadores de açúcar organizaram-se para a sua defesa económica. O governo fez, então, prender numerosos militantes operários, a fim de evitar que prosseguisse a luta contra os capitalistas americanos.

Os camponeses, por sua vez, têm-se recusado a cumprir o que não fosse determinado nos seus sindicatos. O governo aplicou um regime de censura nas localidades onde os camponeses manifestavam descontentamento e deu aos comandantes militares os mais amplos poderes.

Em todos os pontos do país deram-se sangrentos recontros entre operários, camponeses e as tropas. Numerosos militantes revolucionários, anarquistas, sindicalistas e comunistas, e até partidários da independência nacional e indivíduos sem partido, foram perseguidos ou encarcerados.

Para justificar, fosse como fosse, a repressão, a polícia inventou a existência de um complot. Os estrangeiros não escaparam, sendo expulsos em grande número. O sindicato dos operários textéis foi considerado ilegal.

Do mesmo tempo que persegue os revolucionários, o governo procura reprimir a campanha anti-imperialista. O estudante Mella, chefe dos estudantes nacionalistas, foi expulso da Universidade. Os estudantes protestaram e a expulsão teve de ser anulada, tendo Mella filado num comício efectuado na Universidade. Pouco depois, Mella foi preso, mas na cadeia declarou a "greve da fome" como protesto contra as violências que a ele e aos seus camaradas atingem.

A pesar de tudo, as organizações operárias e a Liga Anti-imperialista continuam a luta contra o predomínio do capitalismo e do militarismo norte-americanos.

## CONFERÊNCIAS

'Organização científica do trabalho'

Hoje, às 21 horas prefixas, realiza o sr. dr. João Camoeses, na secção da Universidade Popular Portuguesa que funciona na sede do Sindicato da Construção Civil, a Calçada do Combro, a sua segunda conferência da série que subordinou ao tema 'Organização científica do trabalho'. A entrada é pública.

'Questões morais e sociais na literatura'

É hoje à mesma hora e não na sexta-feira, como erradamente noticiámos, que na secção da Universidade Popular Portuguesa do Alto do Pinheiro, efectua o sr. dr. Câmara Reis a 1.ª conferência da sua série 'Questões morais e sociais na literatura', sendo a entrada livre.

MOVIMENTO OPERARIO INTERNACIONAL

## O ataque patronal na Inglaterra não visa só os mineiros

As propostas dos proprietários das minas que Evan Williams apresentou à 'Comissão do Carvão' revelam o propósito do ataque patronal ao horário do trabalho.

Quando Baldwin declarou há algum tempo que todos os operários ingleses deveriam aceitar uma redução de salários, muitos chefes do movimento trabalhista não tomaram a sério o aviso do agente político do capitalismo inglês.

Mas as declarações de Evan Williams levantaram agora uma profunda emoção em todo o movimento operário, principalmente, entre os ferroviários, onde se constata uma disposição geral para resistir a todos os ataques contra os seus salários e condições de trabalho.

Os chefes da União Nacional dos Ferroviários, que, ainda há pouco, se declaravam adversários de todo o movimento de greve, vêm-se obrigados perante a brutalidade do ataque dos proprietários das minas a mudar de atitude.

Cramp, secretário desta União, declarou que toda a tentativa de reduzir os salários dos ferroviários «a taxa mencionada pelos proprietários das minas encontrara uma séria resistência».

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 24 desta revista intitulada 'Los hijos de la calle', de Federica Montseny.—Preço, \$50.—Pedidos à administração de A Batalha.

## II CONGRESSO JUVENIL

Uma sessão em Vendas Novas

VENDAS NOVAS, 30.—Promovido pelo Núcleo de Juventude Sindicalista realizou-se uma sessão de propaganda pró-congresso juvenil.

Presidiu Joaquim da Piedade Azevedo, secretariado Joaquim Fragoço Pimenta e Bento de Oliveira Lopes.

Falaram, entre outros, os delegados da Federação das Juventudes Sindicalistas, Vergílio de Sousa e José dos Santos, que produziram interessantes discursos, os quais a assembleia muito aplaudiu.

Ficou resolvido que o Núcleo da Juventude Sindicalista em Vendas Novas se fizesse representar no aludido congresso.

Edições de 'A Sementeira'

Práticas neo-maltusianas..... \$50  
O sentido em que somos anarquistas..... \$30  
A peste religiosa..... \$40  
A liberdade..... \$50  
A Internacional (música e letra)..... \$30  
Pedidos à A BATALHA ou no Cais do Sodré, 88

## AS GREVES

Chacineras de Aldegaleta—Valeroso exemplo de lutadoras

Os anais do movimento operário em Portugal não registam nestes últimos tempos uma greve tão prolongada como a das operárias chacineras de Aldegaleta.

É uma greve que dura já cerca de 5 meses sem que sombras de desfalecimento tenham empanado o brilho da luta. As valorosas grevistas têm resistido a quantas sugestões têm aparecido e estão na disposição firme, resoluta, de prosseguir no movimento até que justiça lhes seja feita.

E não é porque o proletariado do país lhes tenha prestado assistência monetária para acudir às mais necessárias de recursos com que possam fazer face às necessidades mais imperiosas.

Neste particular — e bem é frisar o facto para ser tido na devida conta — a solidariedade das demais classes operárias tem sido nula, o que — digamo-lo também — não é justo nem é humano, e depois muito pouco a favor do espírito de solidariedade da classe trabalhadora em emergências destas, para o qual a C. G. T. e as grevistas já apelaram.

Contudo e quasi só à custa do seu sacrifício são já quasi 5 meses passados e as valentes grevistas mantêm vivo o espírito de resistência dos primeiros dias.

Neste momento estão os industriais a sentir-se em sérios apertos. Muitos deles, para sustentar um capricho estúpido, estão sentindo já os efeitos da sua teimosia.

Um hoive que, só por um feliz acaso, foi impedido de terminar o trágico desígnio de entregar o pescoço ao barão da força. Outros sentem-se dia a dia a fraquejar e todos eles só agora estão a reconhecer que foram vítimas das manobras traiçoeiras dos maiores potentados.

Um destes, a Companhia de Criação e Comércio de Gados, quis, anteuente, iludir as suas operárias que se conservam em greve. Mandou oferecer 90 centavos por hora e chamar a maior parte do seu antigo pessoal. A maior parte, apenas, porque pretendia exercer represálias sobre umas e aquelas, aquelas que maior soma de energia têm dispensado na luta.

Viu, porém, frustrado o seu intento. As grevistas compreenderam perfeitamente que se tratava dum armadilha, pois a Associação respondeu ao respectivo gerente que as grevistas não retomavam o trabalho senão nas condições anteriores e sem excepção de nenhuma delas. O bom do homem respondeu que «a casa teria ao serviço quem quisesse», desmascarando deste modo a armadilha em que pretendia fazer cair as grevistas para as desmoralizar, gerando-se assim, ao cabo de 5 meses, uma luta que já pode considerar-se vitoriosa.

Não há dúvida que os industriais chegaram ao momento em que têm de decidir. Ou atendem as justas pretensões das grevistas, mantendo os salários anteriores e não fazendo odiosas exclusões, ou terão que encerrar definitivamente as portas, tanto porque não terão quem os sirva como porque não faltam outros centros industriais a fornecer o mercado.

As grevistas entendem, e muito acertadamente, que assim como foi por intermédio da Associação Comercial que os industriais se lhes dirigiram colectivamente, deve ser por meio da mesma colectividade que os industriais devem dar o movimento por terminado, comunicando por escrito à Associação das operárias o seu compromisso de manter os salários e demais regalias do seu pessoal.

O que é necessário e urgente é que as classes operárias prestem uma solidariedade mais intensa às valorosas lutadoras que estão dando um dos mais nobres exemplos de resistência e tenacidade.—E.

## Pessoal da Fábrica Vulcano

Reuniu ontem, pelas 14 horas, o pessoal grevista da fábrica Vulcano para apreciar a tabela que os industriais daquela casa colocaram na porta do escritório da fábrica. Dada a palavra ao delegado do sindicato, que combateu dum forma enérgica a tabela com a baixa de salários aconselhando as grevistas a continuarem no seu movimento. Falaram alguns grevistas que combateram a atitude dos industriais declarando que estão dispostos a lutar o tempo que for necessário até que justiça lhes seja feita.

Pelas 10 horas, reúne a comissão que foi eleita juntamente com a comissão de melhoramentos para tratar da distribuição dos donativos.

## CRISE DE TRABALHO BAIXA DE SALÁRIOS

E' desesperada a situação dos rurais de Santo Aleixo

SANTO ALEXIO, 31.—A situação dos trabalhadores rurais é cada vez mais desesperada. Trabalho não há, a pesar de haver terrenos incultos há mais de dez anos. Algum trabalho que aparece é pago miseravelmente, como vai ver-se.

As condições rurais pagas o patrão por mês a insignificância de 70\$00. Desta importância extra-se 30\$00 para renda de casa e veja-se se é possível um chefe de família, com 4 pessoas a seu cargo, poder viver com 40\$00 cada mês. Esta importância gasta-a qualquer burguês desta localidade com os seus amigos, ao domingo.

Em virtude desta situação o infeliz rural alimenta-se durante todo o ano apenas com azeite, muito mal preparado e com umas azeitonas, na maior parte das vezes impróprias para consumo.

Onde isto irá parar é que ninguém sabe. O que se sabe é que o mal está a começar a produzir rumores que podem ser fatais se não se acudir a tempo.—E.

Sindicato Unico da Construção Civil

Para um assunto urgente são convidados todos os operários associados neste Sindicato que têm sido licenciados das Obras do Estado a comparecerem hoje das 9 às 11 na sede do Sindicato, Calçada do Combro, 38-A, 2.ª.

## A última sessão do congresso regional dos sindicatos parisienses

Foi no domingo, 24 de Janeiro, que se efectuou a última sessão do congresso sindical parisiense.

Logo, de início, os delegados dos *chauffeurs* apresentaram uma moção que emite o voto de que os jornais operários possam sair no dia primeiro de Maio, mesmo que as indústrias declarem qualquer greve geral.

O delegado da Federação do Livro e do Jornal opôs-se a esta moção por entender que nenhum jornal, operário ou burguês, deve sair nesse dia. Fazendo-se um jornal unicamente sindical, será justo que ele se publique, mas esta concessão não deve ser feita a nenhum outro jornal.

Trava-se viva polémica entre estes delegados, afirmando os *chauffeurs* que os seus *taxis* se colocam sempre ao serviço dos sindicatos, ainda que se esteja em período de greves.

Entretanto, o secretário da União Departamental propõe um aditamento à moção: que todos os jornais avançados se coloquem, no dia primeiro de Maio, à disposição do movimento operário, desde que isso lhes seja solicitado, e sob a fiscalização sindical.

Finalmente, a moção e o aditamento foram aprovados.

Acêrca da nova organização sindical, entram em discussão as seguintes bases:

Substituição das Unions departamentais (distritais) por uniões de sindicatos ou regionais; transformação dos sindicatos de classe em sindicatos de indústria, com base na união local; adaptação das federações às regiões.

As federações regionais, relata o autor da tese devem ser estabelecidas definitivamente procurando ligar fortemente as indústrias ca região, a fim de se obter uma sólida organização sindical.

Estas propostas não encontraram verdadeira unanimidade. Um delegado, por exemplo, declarou que se saía, assim, das normas advogadas pelo sindicalismo, criando-se uma organização centralizadora. As uniões departamentais são mais vantajosas que as uniões regionais. A propósito, referiu que o conselho confederal se constituía por 28 delegados regionais e uns vinte federais. Um conselho desta forma não representaria os votos sindicais.

Outro delegado apontou as dificuldades de ligação entre as uniões regionais. Ainda outro, protesta contra tal organização, que permitiria aos sindicatos mais fortes absorverem os mais fracos.

Contudo, as bases propostas foram apoiadas por maioria.

Procedeu-se à eleição do comité executivo da união departamental, encerrando-se em seguida o congresso.

## Informações sociais

(Da Repartição Internacional do Trabalho, da Sociedade das Nações)

## Conclusões gerais do inquérito sobre produção internacional

Na reunião do Conselho Administrativo da Repartição Internacional do Trabalho, realizada em 1920, foi deliberado fazer um inquérito sobre a produção internacional. Resultante dessa investigação publicou-se uma memória em oito volumes, com 752 diagramas, 1227 quadros estatísticos e 6552 páginas. Para os estudiosos ávidos de conhecer, em síntese, as conclusões desse estudo publicou-se o opúsculo intitulado 'Conclusões gerais de la encuesta sobre la producción', com 61 páginas e alguns gráficos.

Divide-se o porfemorizado estudo em cinco partes: na primeira a justificação da obra e a bibliografia subsidiária; na segunda trata da produção em geral e da produção média por topótipo; na terceira a explicação dos factores económicos em geral; na quarta os factores relativos ao trabalho como sejam a crise de formação profissional, de mão-de-obra; a saúde dos operários; a crise psicológica e moral; a oposição do operariado ao sistema de salários proporcionais ao rendimento; as greves; e a redução do horário do trabalho. Na última parte—as providências preconizadas e as experiências feitas. É necessário que se faça um grande esforço internacional que permita, mediante a adopção de medidas de reciprocidade, o estabelecimento de relações fecundas de cooperação, o abandono dos métodos de isolamento, de luta económica e a expansão solidária das forças económicas dos diferentes países.

Finalmente, cita como grande força actuando no mesmo sentido a corrente popular a favor da paz. Tem-se evidenciado os perigos da guerra. Todos os movimentos nascem de uma origem comum. Durante muitos anos—durante um século—tem estreitado os laços económicos entre os povos. As economias nacionais são cada vez mais interdependentes. Entre elas forma-se uma economia mundial, e o problema comum a que estão ligados diferentes problemas pode formular-se nestes termos: dar à economia mundial um estatuto.

Tal é a conclusão sintética do interessante inquérito, cujo conhecimento em suas minúcias importa em duzentos e oitenta escudos, ou em síntese em três escudos.

## SOCIEDADES DE RECREIO

Grupo Recreativo 'Esperança no Futuro'.—Promovido pela comissão realiza-se no dia 7 de Fevereiro, às 15 horas, um concurso de cegadas, cujo produto reverte a favor das despesas a fazer com a instalação de luz eléctrica na sede, pátio de D. Fradique, 24.

Serão conferidos três prémios, estando a inscrição aberta das 19 às 24 horas.

Grupo Dramático 'Solidariedade Operária'.—Reúne hoje às 21 horas a assembleia geral para nomeação dos corpos gerentes para o corrente ano e apresentação de contas.

## Assinar Os Mistérios do Povo

## Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Vendedores de Jornais.—Caixa de Solidariedade.—Reuniu a comissão organizadora, tendo resolvido adquirir os livros de expediente e começado a elaborar os estatutos. Constatou, com prazer, o entusiasmo que reina na classe pela constituição desta caixa. Resolveu saudar a imprensa de Lisboa e nomeadamente aquela que se tem interessado pela defesa moral, física e económica da classe; os trabalhadores portugueses do Livro e do Jornal e as instituições suas congéneres.

Esta comissão tem dedicado todos os seus esforços no sentido de coroar com êxito os seus trabalhos, tendo já entrevistado várias entidades a fim de levar a efeito importantes melhoramentos que muito beneficiarão os componentes desta caixa. A inscrição de sócios continua aberta podendo os propositos dirigir-se a qualquer membro da comissão organizadora, nos locais da venda dos jornais ou nas zonas da cidade.

Taneiros de Lisboa.—Reuniu ontem a nova direcção que deu despacho a vários expedientes. Oficiou aos operários taneiros da casa Taite e C.ª comunicando-lhes que em virtude de estar chegando uma remessa de vasilhame do norte não devem essas camaradas trair as resoluções ultimamente tomadas, que consistem em que tal vasilhame não seja arranjado em Lisboa, conforme tem sucedido em outras casas.

Resolveu que as suas reuniões se efectuem às terças e sextas-feiras, devendo o camarada tesoureiro comparecer na próxima sexta-feira.

REUNEM-SE HOJE:

Sindicato da Construção Civil.—Conselho Técnico.—Pelas 20 horas a comissão administrativa.

Federação dos Trabalhadores do Livro do Jornal e Similares.—Os delegados dos organismos de Lisboa e Santarém que foram ao Congresso corporativo, pelas 18 horas, para ratificarem as actas.

SINDICATOS DA PROVINCIA

Sindicato da Construção Civil de Portimão.—No passado dia 27 reuniu a assembleia geral deste organismo para, entre outros assuntos, se ocupar do incidente suscitado com o consócio que desempenha as funções de agente de A Batalha.

Aberta a sessão pelo camarada Manuel Correia foi lida e aprovada a acta da última sessão e aprovado também o regulamento do Conselho Técnico, depois de sobre ele falar o camarada Franco demonstrando as suas vantagens e os benefícios que advirão para a classe quando esse regulamento estiver em vigor.

A assembleia a seguir ocupou-se da situação do consócio Franco, o qual possui uma oficina com pessoal assalariado. Como se verificasse que este consócio tem prestado relevantes serviços à classe e que continua a merecer desta toda a confiança, a assembleia resolveu considerá-lo sócio deste organismo, reiterando-lhe assim toda a confiança.

Solucionado este caso entrou-se na ordem dos trabalhos: incidente suscitado com o agente de A Batalha.

Falou em primeiro lugar um membro da comissão administrativa que expôs o procedimento do referido agente, o qual, há dias, muito embriagado, numa barbearia, praticou actos pouco dignificadores para a organização operária. Depois, o mesmo camarada, apresentou a seguinte moção:

«Considerando: que as alfinets e o do artigo 7.º dos estatutos deste sindicato, estabelecem a irradiação de qualquer sócio caso a assembleia assim o julgue necessário; que o camarada Sérgio, agente do jornal A Batalha, não só se desleixou com a venda do dito jornal, como também insultou alguns camaradas de tudo quanto há de mais baixo e repugnante.

O Sindicato da Construção Civil de Portimão, reunido em assembleia geral, resolve:

1.º Irradiar de sócio deste sindicato o camarada Sérgio.

2.º Fazer sentir à redacção de A Batalha os motivos desta irradiação.

3.º Tornar pública a resolução desta assembleia.

Sobre a moção falaram alguns camaradas, sendo depois aprovada por unanimidade.

Antes de encerrar a sessão José Leandro condenou o trabalho aos domingos, que alguns camaradas estão fazendo em prejuízo daqueles que se encontram desempregados.